

MINHA MÃE

Ainda recordo o dia em que me pegaram roubando. Eu tinha 8, talvez 9 anos, e o supermercado era um daqueles pequenos, de bairro, nos quais, das caixas registradoras, é possível ficar de olho em todas as gôndolas. No setor de papelaria, eu tinha notado uma borracha cor-de-rosa em forma de coração e não consegui resistir. Uma das caixas veio e me mandou entregar imediatamente aquilo que eu tinha surrupiado, porque ela havia visto tudo. Sem sequer olhá-la nos olhos, devolvi a borracha e fugi.

O medo é tal como eu o recordo naquele dia. O coração que começa a bater forte, um ruído ensurdecedor que partindo do peito chega até dentro dos ouvidos, e a gente já não escuta nem mesmo as próprias palavras. Tudo é de repente tão real que não parece verdadeiro. Daquele momento, tenho claro cada detalhe. A caixa usava saia vermelho-escura e mocassins pretos. Junto das borrachas em forma de coração havia uns estojos de brim azul. As pessoas que faziam fila diante das registradoras se voltaram para me olhar. Fugi com o coração cheio de medo. No tempo que levei para chegar em casa, o medo se transformou em vergonha, e decidi que jamais contaria aquilo a ninguém.

Quando disseram a mamãe que ela estava com câncer de rim, o medo chegou pontual como daquela vez: me pegou pela garganta, misturou-se ao sangue e quando chegou ao coração dilacerou-o. Minha mãe tinha 37 anos, chamava-se Ana. Dois anos depois, morreu.

Viver no medo, agora eu sei, é o pior dos pesadelos, e foi assim que mamãe viveu por todo aquele tempo, com aquele pensamento de morte dia após dia, hora após hora. Criou o hábito de manter acesa a lampadazinha sobre a mesinha de cabeceira a noite toda e de não fechar mais as persianas. Começou a dizer que nossa casa era escura, que não entrava luz suficiente. Iniciou sua

batalha contra a escuridão mandando tirar as cortinas da sala; logo ela, que sempre havia amado a noite, passou a odiá-la.

Minha família nunca foi daquelas tradicionais, papai-mamãe-irmãos-irmãs. A mamãe e a vovó são toda a família que eu tive. Meu avô morreu quando eu ainda era pequena, e meu pai eu nunca conheci. Foi embora quando mamãe engravidou. Agora, restamos só duas, e pensar no futuro me apavora.

Entre as coisas que conservo de quando era pequena, inclui-se o vídeo que o vovô fez no dia do meu terceiro aniversário, quando comemoramos também a formatura de minha mãe em Letras. Está na estante do meu quarto. Depois da morte dela, eu o revi um monte de vezes. Há um momento, quando estou para soprar as velinhas, em que se vê a mamãe atrás de mim, e sobre a mesa à nossa frente há uma torta enorme. Estou em pé na cadeira e ela me abraça pela cintura. Está dizendo alguma coisa ao meu ouvido, uma daquelas coisas que se dizem às crianças, tipo “veja que torta linda”, o áudio é péssimo, não se consegue escutar e infelizmente não se pode fazer nada, assim me disse o técnico da loja onde levei o vídeo. Eu levanto uma das mãos e lhe toco uma bochecha, enquanto olho a torta à minha frente. Sei que pode parecer impossível, mas me lembro daquele momento. Sempre que me revejo, penso a mesma coisa: que o tempo não passou, eu ainda estou ali, com a voz de minha mãe me acariciando a face. E é a única coisa que eu queria. Voltar atrás. Parar o tempo.

Depois do diagnóstico, ela foi operada com urgência e começou logo a terapia, mas todos os médicos que a examinaram e leram seu prontuário nos disseram que não havia esperança, restava-lhe pouco tempo de vida. Ninguém podia dizer quanto, alguns disseram meses, outros ficaram em silêncio. Continuaram o tratamento porque ela ainda era jovem. Minha mãe quis saber desde o início e, quando todos soubemos que ela sabia, foi como estar numa montanha-russa sem conhecer o tempo da corrida. Como sentir-se agarrar pelo coração.

Quem me contou foi a vovó. No dia seguinte, não fui à escola — eu tinha 16 anos e frequentava a terceira série do liceu* —, e nem no outro. Quando Sonia e Barbara, minhas colegas de turma, me telefonaram, inventei uma desculpa e pedi que avisassem aos professores que eu estava me sentindo mal, mas voltaria logo. Não contei nada sobre o câncer de minha mãe, não queria

*No sistema educacional italiano, escola secundária superior. Corresponde aproximadamente ao nosso atual ensino médio, antigo segundo grau, com a diferença de que dura cinco anos. Ao término do *liceo*, o aluno é submetido a um *esame di maturità* e recebe um diploma que o habilita a matricular-se num curso universitário. (N. T.)

responder às perguntas delas, e sobretudo não queria que todos soubessem. Naquele momento, compreendi que havia feito a primeira coisa de adulta: tinha silenciado para protegê-la e porque sentia necessidade de estar sozinha, longe das bobagens que se dizem em certos momentos, longe da tagarelice inútil, para entender realmente o que estava acontecendo. Depois da vovó, a mamãe também me chamou e me disse como estavam as coisas, e naquele momento só esperei que meu medo não fosse visível. Ela também fazia de tudo para parecer tranquila, mas as olheiras e a pele retesada do rosto mostravam o contrário. A mamãe me repetiu o que a vovó me dissera, mas, quando ouvi a palavra câncer pronunciada por ela, meus olhos se encheram de lágrimas. Ela então me abraçou com força e disse que havia tratamento, que comigo ao seu lado iria conseguir. Naquele momento, *eu* se tornou *nós*, e o câncer dela passou a ser meu também. Eu sabia, era uma coisa pavorosa, o pai de um amigo meu tinha morrido disso poucos anos antes. Naqueles dias, minha cabeça se encheu de perguntas: os sintomas? Seria possível que ela não os tivesse percebido? Em que momento tudo tinha começado? Por que ninguém dera importância ao seu emagrecimento repentino? Por que ela, quando havia algum problema comigo, sempre percebia tudo, e eu, que também a amava, não tinha pensado em nada? Se a gente ama uma pessoa, tem que cuidar dela. Será que eu não a tinha amado o suficiente, já que meu amor havia sido tão irresponsável?

Eu e mamãe nunca conversamos muito, e não mudamos nem mesmo no período de sua doença, mas começamos a nos buscar com o olhar, a nos apertar as mãos enquanto víamos um filme juntas, a nos sorrir silenciosas, sorrisos cálidos, cheios da esperança que ninguém nos tinha dado. Testemunha de tudo foi minha avó, que cumpriu todas as decisões de minha mãe quanto à terapia e, no fim, as últimas vontades dela. Em dois anos, nunca vi vovó chorar. Em certos momentos, ela até me parecia outra. Sua força se firmara em outros silêncios, em um tempo distante e jovem sobre o qual ninguém sabia nada, e que de repente retornava.

Poucos dias antes da operação, não consegui mais me segurar e contei às minhas amigas de escola. No dia em que minha mãe foi operada, recebi uma enxurrada de torpedos e e-mails, até de garotas e garotos com quem não falava havia um tempão. Eu não tinha dito a ninguém que a cirurgia não adiantaria nada, não eliminaria o problema, e assim todas aquelas mensagens cheias de confiança e de vida me causaram o efeito contrário, e a cada vez que chegava uma nova eu precisava reprimir o impulso de jogar o celular contra a parede. Quando voltei à escola, alguns dias mais tarde, o efeito novidade já começara

a diminuir. Todos me perguntaram como havia sido a cirurgia, como estava minha mãe, e só. Mais tarde, quando parei de ir à escola, ninguém me perguntou mais nada. Minhas amigas pararam de vir à minha casa e eu de ir à casa delas. Com a desculpa de que nessas situações é melhor não perguntar e não incomodar, fez-se o vazio ao meu redor. Os dois anos que se seguiram, passei-os como dentro de uma sombra. Testes, arguições, algum sábado na boate, piscina, passeios no centro, mas, em cada coisa que eu fazia, havia minha mãe que estava morrendo. A morte dela estava em toda parte: na mochila entre os livros da escola, no ar rosado e límpido dos ocasos de primavera, mas sobretudo em seus olhos conscientes e resignados. Recordo haver desejado a cada dia que ela superasse aquilo contra todas as previsões: sim, tínhamos tempo, ainda, e aprenderíamos a não o desperdiçar, a não esperar sabe lá qual futuro para as palavras importantes.

Se alguém me perguntasse o que recordo daqueles dois anos, eu responderia: nada de especial, à parte os gestos, os sorrisos, as pequenas coisas de todos os dias — a vida é assim, agora compreendi, o que importa são os instantes, e não as coisas. Penso que até meu modo de respirar mudou: posso afirmar que aprendi a prender o fôlego, como se tivesse passado todo aquele tempo embaixo d'água, à espera de tomar ar de novo. Por todo aquele tempo, senti apenas medo.

Recordo um filme com uma mulher que antes de morrer chama as filhas para perto de si e, uma a uma, e faz uma espécie de discurso de despedida. Mamãe não fez nada disso. A única coisa que me disse até o fim, que não se cansou nunca de me repetir, foi que me amava e que eu tinha sido a coisa mais bonita de sua vida. Quando estávamos juntas, me fazia falar muito: da escola, das minhas amigas, das coisas que eu queria fazer. E depois, perto do fim, quando começou a ficar muito cansada, simplesmente me pedia para me sentar ao lado dela, na cama. Então eu me deitava ao seu lado e lhe segurava a mão, ou então ela pousava a sua sobre meus cabelos, e dormíamos um pouco assim, como se escavássemos mais tempo dentro do tempo, como se criássemos saídas, vias de fuga.

Morreu numa manhã em que eu estava na escola. Já fazia alguns dias que não se levantava mais. O médico havia aumentado a dose de morfina e ela dormia quase o tempo todo. Falava pouquíssimo, e, se eu lhe segurasse a mão, já não a apertava como antes. Eu não queria ir à escola naquele dia, mas vovó me obrigou. Dizia que eu devia me distrair ao menos por algumas horas, que se fosse o caso me chamaria imediatamente. Quando meu celular vibrou e li

o nome da vovó no visor, eu já sabia o que iria ouvir. Disse ao professor que precisava ir imediatamente para casa e saí correndo sem olhar para ninguém. Ainda me amaldiçoo por não ter ficado em casa naquele dia. Por não ter estado presente. Corri como uma louca na minha motoneta, pensando que não podia ser verdade, e me dei conta de que jamais havia acreditado totalmente que aquele momento chegaria. Naqueles dois longos anos, eu me habituei a vê-la doente e por fim me convencera de que as coisas seriam assim para sempre, não de que pudessem acabar. Quando a vi imóvel, a boca entreaberta, os braços abandonados ao longo do corpo, o medo fez de novo seu circuito e, no final dessa corrida, eu me senti esvaziada. Tinha havido dias, claro, nos quais eu pensara em como seria vê-la morta, mas mesmo naquele momento, com sua morte diante dos meus olhos, simples e assustadora, eu continuava a não acreditar. Aproximei-me e, contendo a respiração, fitei seu rosto imóvel, depois peguei suas mãos e as apertei com força, chamei-a, me inclinei para beijá-la e encostei minha frente à dela. A vovó, de pé junto à porta, sussurrou “não existe mais” com um sorriso de lágrimas. Não existia mais. A terra me faltou sob os pés e de novo o medo me envolveu contra seu peito e eu respirei apenas o ar venenoso que ele exalava. Minha mãe não existia mais.

Quando a sepultaram, além de mim e da vovó estavam também Angela e Claudia, as amigas da vida inteira de minha mãe. A fotografia que escolhi para a lápide tinha sido tirada por mim: ela me sorria e um cacho de espessos cabelos escuros lhe caía sobre a testa. Era lindíssima quando sorria. Era um dia de outono e os raios de sol do entardecer tornavam tudo ainda mais triste. Toda aquela luz dourada. Eu e a vovó não conseguíamos nos fitar nos olhos. Ambas nos sentíamos confusas, expostas. Havíamos apertado mãos demais, respirado o odor denso de todas aquelas flores. Da igreja recorro o rangido dos bancos, o murmúrio abafado e uma confusão de rostos por trás das lágrimas e dos óculos escuros, mais nada. Quando tudo acabou, peguei minha avó pelo braço e nos encaminhamos devagar para a saída do cemitério, sem dizer uma palavra.

Nos dias seguintes, tentamos arrumar as coisas dela, embora nos faltasse coragem para isso. Todas as roupas que durante meses tinham permanecido sobre as poltroninhas do quarto foram lavadas, dobradas e por fim guardadas no armário. A cama foi desfeita e refeita; as persianas, cerradas. Minha avó chamou uma senhora para nos ajudar. Na verdade não precisávamos, mas acho que ela fez isso porque, no momento em que colocou os pés no quarto da mãe, toda a dor daqueles dois anos lhe caiu em cima. A senhora Rosa parecia nunca ter feito outra coisa além de assistir famílias de luto recente. Fez tudo

em silêncio. Preparou um chá quente para a minha avó e, com uma desculpa, fez com que ela se reclinasse no sofá, para ver um pouco de televisão. Por todo o tempo, não perguntou nem uma vez como arrumar as coisas de minha mãe, dirigiu-se à vovó somente para questões tipo: não seria melhor deslocar as plantas para onde dava mais sol? Queria que ela batesse o capacho da entrada? Antes de refazer a cama no quarto da mamãe, me sussurrou que era melhor arejá-lo um pouco. Disse isso apertando minha mão entre as dela, fitando-me com sincera compreensão, o olhar de quem não teme a tristeza dos outros. O quarto logo se encheu de frio, mas eu ainda sinto aquele odor de remédios e de morte. Minha avó ficou à parte, o rosto contraído, o olhar dirigido fixamente para a copa da árvore que se vê de uma das janelas da sala. Dei a Rosa todas as indicações para repor as coisas em seus lugares, fui eu a sacerdotisa que se ocupou do templo, em silêncio, como temendo que, se falasse em voz muito alta, eu e minha avó pudéssemos acordar e perceber que minha mãe tinha morrido.